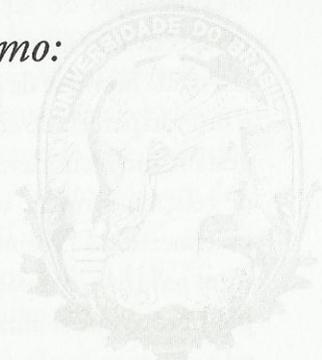


MARCIA MORAES

*Considerações sobre o gestaltismo:  
entre a ciência e a filosofia*



*Gestaltismo: a importância da articulação entre a  
ciência e a vida*

O gestaltismo, ao afirmar a perspectiva do sujeito ingênuo como seu ponto de partida, traça um corte com relação à orientação clássica em psicologia. Em vez de partir de um universo físico preconcebido, a psicologia da *gestalt* parte das vivências do leigo. Há nesta perspectiva uma recusa explícita a qualquer referência do espaço psicológico a um universo físico pressuposto como modelo das experiências psicológicas cientificamente explicadas. Para os gestaltistas, as teses sobre a natureza do mundo físico e sua relação com os processos mentais não cabem em um primeiro estudo do problema da experiência.

Ao recusar a hipótese da constância como eixo explicativo para o problema da representação, o gestaltismo afirma um novo modo de investigar este problema. Já não se trata mais de referir o percebido a um dado físico preconcebido como verdadeiro. Ao contrário, trata-se de ler no próprio percebido o sentido que ele diretamente revela. O estudo da representação nos parâmetros gestaltistas

implica, de saída, não uma adequação a um dado físico, mas sim a explicitação do sentido intrínseco que o percebido assume na perspectiva do sujeito ingênuo. Mais do que puramente negativa, a recusa da hipótese da constância tem um caráter positivo: inaugura o mundo percebido como um espaço legítimo de conhecimento. O gestaltismo recusa a diluição deste espaço percebido num universo de relações formais, arbitrárias e mecânicas. Há aí a recusa de um preconceito: o preconceito de referir – talvez não fosse exagerado dizer reduzir – o espaço psicológico ao espaço físico. Negando este pré-juízo, o que se afirma é a autenticidade do fenômeno psicológico tal e como se revela na perspectiva do leigo.

O conhecimento psicológico não se ergue sobre a negação do ponto de vista do sujeito ingênuo, mas sim tomando-o como um ponto de partida inequívoco, pois, caso contrário, a psicologia desvincula-se da vida. A psicologia da *gestalt*, por oposição à orientação clássica em psicologia, caracteriza-se por promover uma integração entre ciência e experiência. Na perspectiva clássica, havia um distanciamento entre o universo científico e o universo percebido. Tal distanciamento seria responsável por um esvaziamento dos conceitos científicos, isto é, estes ficariam restritos ao laboratório. O gestaltismo caracteriza-se justamente por aceitar a vivência em seu arcabouço científico, de tal modo que haja uma relação de pertencimento, de sentido, entre conceitos científicos e experiência ingênuo. De acordo com isso, o gestaltismo escapa à alienação técnica característica da ciência psicológica classicamente concebida. Nessa concepção, os conceitos científicos são formalizações apoiadas mais em pré-conceitos do que na observação daquilo que é revelado no percebido enquanto tal.

Ao reverter a orientação metódica da psicologia sugerindo como seu primeiro passo a descrição das vivências, o gestaltismo propõe mais do que uma simples inversão metodológica. É a própria concepção de cientificidade da psicologia que é modificada. A ciência psicológica ergue-se a partir de questões apresentadas no

âmbito mesmo das vivências psicológicas. Assim, a epistemologia científica proposta pelo gestaltismo, longe de ser importada de um modelo físico preconcebido, é abstraída de questões referidas intrinsecamente ao fenômeno psicológico. A novidade epistemológica do gestaltismo reside nesta nova relação entre ciência e vida – e note-se que vida, neste caso, tem o mesmo sentido que vivência. “Esta combinação do laboratório e da vida é, obviamente, um dos objetivos característicos da teoria da *gestalt*” (Gibson, 1971, p. 2). Este compromisso gestaltista é explicitado por Koffka (1975), ao afirmar que cabe à psicologia apontar o caminho em que a ciência e a vida hão de se encontrar.

O método fenomenológico-descritivo é a via pela qual o gestaltismo incorpora o percebido enquanto tal à ciência psicológica. No âmbito deste método, o primeiro passo da investigação científica é a descrição do fenômeno psicológico, isto é, daquilo que aparece tal e qual aparece na perspectiva do leigo. À medida que, do ponto de vista do sujeito ingênuo, o percebido é imediatamente organizado e significativo, cabe à descrição fenomenológica explicitar o sentido que aparece naquilo que é percebido. A dicotomia clássica entre razão e sensibilidade é desautorizada na perspectiva fenomenológica. Esta, pelo contrário, demarca uma relação interna, inequívoca, entre os domínios da razão e da sensibilidade. Dito de outro modo, para o gestaltismo existe uma organização, uma certa racionalidade, que é interna à sensibilidade.

O sentido da palavra *gestalt* adotado por Kohler (1980) – e pelos outros representantes da psicologia da forma – expressa este caráter interno, direto, da organização. Na língua alemã, a palavra *gestalt* tem dois significados: além do sentido de forma ou feição como atributo de coisas, tem a significação de uma unidade concreta *per se*. Assim sendo, não há um primeiro momento assignificativo – arbitrariamente considerado como objetivo. As representações são de saída organizadas e significativas e se apresentam na perspectiva do leigo apenas deste modo.

O sentido interno às representações é expresso por meio da relação figura/fundo. Essa relação expressa uma heterogeneidade mínima sem a qual não há cognição possível. Ao destacar-se de um fundo, a figura delimita-se como o objeto representado. A cognição é sempre um conhecimento de alguma coisa, ou seja, é voltada para algo que se destaca de um fundo. Onde não há relação de segregação entre figura e fundo, não há cognição.

A organização interna da figura é explicada pela relação parte/todo – que se pode considerar um caso particular da relação figura/fundo. Uma parte se define pela função que desempenha na estrutura na qual está inserida. Uma parte articulada em um todo é diferente desta “mesma” parte isolada ou em outra totalidade. À medida que possui um significado relativo, dependente da estrutura, pode-se dizer que a parte possui um significado funcional, isto é, seu significado decorre da sua função em uma estrutura dada. Por exemplo, nas figuras abaixo, observamos que o 13 é percebido diferentemente. Na figura 1, o 13 é lido como letra B, e na figura 2, ele é lido como o número 13:

A 13 C D

Figura 1

12 13 14

Figura 2

Por que isso ocorre? Porque, como dissemos acima, o sentido da parte é dado de acordo com a totalidade na qual ela está inserida. Na figura 1, a parte 13 ganha seu sentido graças à totalidade na qual está inserida – uma sequência de letras. Na figura 2, o sentido é dado pela totalidade que é percebida: uma sequência de números.

Importa salientar que esta noção de parte não se confunde com a noção clássica de elemento. Este é neutro quanto a qualquer sentido; a parte, ao contrário, é sempre significativa, pois ser significativa é uma característica essencial, inerente à sua própria definição. Além disso, as diversas partes que compõem uma estrutura não se relacio-

nam arbitrariamente. Há entre todas elas uma relação significativa e necessária, pois cada uma só tem seu sentido em relação à outra. Portanto, o percebido ou o representado tem um sentido interno, coerente e não arbitrário. A relação funcional entre as partes caracteriza uma relação de “coesão interna” radicalmente diversa de uma pura associação de elementos diferentes. Enquanto a associação liga elementos estranhos entre si, a coesão interna une partes que se exigem mutuamente numa dinâmica funcional.

A lei da boa forma expressa a organização das estruturas, ao afirmar que uma estrutura dada tende a revelar as características que a distinguem de uma forma tão completa quanto as condições do momento a permitam. Esta lei se realiza por diversos princípios, ou condições, tais como: proximidade, semelhança, fechamento, continuação apropriada, entre outros.

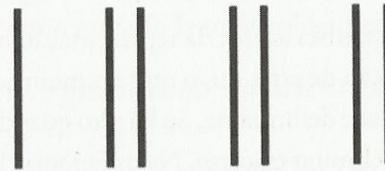


Figura 3

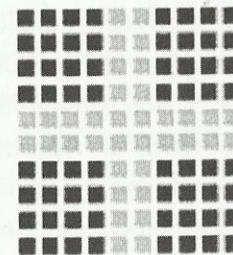


Figura 4

Para exemplificar dois destes princípios, observemos as figuras a seguir:

Na figura 3, percebemos três conjuntos de colunas – a percepção ocorre desta maneira graças à proximidade entre as partes. Se alterarmos esta condição, a forma a ser percebida será completamente distinta. Já na figura 4, percebemos uma cruz num quadro escuro, porque a semelhança faz que estas partes sejam assim reunidas na percepção.

Nesses princípios, pode-se notar um denominador comum: as possibilidades da representação ultrapassam aquilo que é dado pelo excitante físico. A representação, longe de marcar uma pura reapresentação do dado, marca a produção de um domínio peculiar e inédito, que tem no excitante uma causa distante mais do que um modelo do qual partir. O domínio da representação se explica por sua própria dinâmica funcional e pelo sentido original que dela resulta.

O enfoque gestaltista acerca da representação não está comprometido com a noção de erro, ou, o que é o mesmo, com a presença de uma subjetividade deformante. Só há erro quando se adota algum parâmetro para delimitar o acerto. Na psicologia clássica, o acerto é pressuposto pela hipótese da constância, de tal modo que qualquer fator que ultrapasse esta relação unívoca, ponto por ponto, entre o excitante e a sensação, é caracterizado como um fator de erro. Na psicologia da forma, o problema da representação está implicado na descrição do sentido interno do representado e não na sua adequação a um excitante externo. A noção de ilusão é neutra quanto ao julgamento de ser certa ou errada. Isso significa dizer que, na teoria da forma, admite-se a existência de representações ilusórias, mas estas são expressivas apenas de um dentre muitos outros sentidos psicologicamente viáveis assumidos pelo mundo objetivo. A tarefa da psicologia não é abandonar este sentido imediato para alcançar sensações; ao contrário, a psicologia deve descrever este sentido

tal como ele se revela para o leigo. Assim, quando se afirma que a representação ultrapassa o dado, não se quer significar com isto a produção de um erro, mas sim a produção de um campo inédito de conhecimento que cabe à psicologia descrever.

A diferenciação entre ilusão e erro traz em si a discussão acerca do papel do sujeito no exercício do conhecimento. Na vertente clássica, a presença da subjetividade estava diretamente ligada à produção de deformações sobre o dado objetivo. Na teoria da forma, o papel desta subjetividade é redefinido. Os princípios da forma não são produções subjetivas. A organização abrange o campo perceptivo e dela resultam tanto o eu percebido quanto o objeto representado. O eu e o representado são contemporâneos, e ambos dependem de um mesmo processo de organização. Desse modo, o eu percebido é mais uma coisa entre as coisas. A relação entre o eu e as coisas percebidas é da mesma natureza que a relação entre as coisas. A descrição desta organização é o primeiro passo de uma psicologia comprometida com o método fenomenológico-descritivo.

### *Fronteiras entre o gestaltismo e a orientação clássica em psicologia*

É possível, portanto, traçar algumas linhas sobre a divergência entre a orientação clássica e a orientação gestaltista em psicologia. Na vertente clássica, a dicotomia entre universo sensível e universo científico é central. A mediação do organismo fisiológico – composto de sensações – é a via de explicação das aparências subjetivas do mundo. Nesta explicação, abre-se mão do aspecto significativo da representação em favor de uma concepção mecânica e atomista do organismo fisiológico. É certo que a psicologia dos povos, proposta na psicologia wundtiana, é uma afirmação enfática da importância de tal aspecto significativo da representação. Titchener, mais afeito ao mecanicismo e ao associacionismo, é radical e aposta nos conceitos de sensação e de associação como eixos centrais e suficientes

para o estudo da experiência psicológica. No entanto, apesar de tais distinções, é necessário reconhecer que, para estes autores e para outros autores do século XIX, o conceito de sensação é a base sobre a qual se ergue o estudo da experiência. Dito de outro modo, na perspectiva clássica, a hipótese da constância é o ponto de legitimidade científica da psicologia. E, como dito acima, é precisamente este ponto que é subvertido pelo gestaltismo.

O gestaltismo reverte a questão, ao partir das representações como reveladoras de um sentido inédito. A relação entre razão e sensibilidade é direta; a sensibilidade, longe de ser diluída na pura contiguidade de sensações, é descrita nos termos de uma organização interna que a caracteriza. Ali, onde a psicologia clássica impunha um organismo fisiológico, o gestaltismo afirma a legitimidade do percebido enquanto tal e, diferentemente de Titchener, coloca no centro das investigações psicológicas o tema do sentido das representações; e, diferentemente de Wundt, afirma que tal sentido é direto e não produzido por qualquer processo mental superior. A concepção de ciência psicológica, no sentido gestaltista, em vez de se referir ao modelo da física, centra-se no âmbito mesmo do fenômeno psicológico. Pode-se dizer que esta concepção de ciência tem na fenomenologia empírica o seu ponto de partida. Não se trata apenas de uma nova resposta ao tema da representação, mas, antes de tudo, do estabelecimento de uma outra maneira de estudar este tema.

### *Relevância filosófica do gestaltismo*

Partindo de uma análise do método fenomenológico-descritivo, tanto Gurwitsch (1966, 1979) quanto Merleau-Ponty (1975, 1989) propõem leituras fenomenológicas da teoria da forma. Embora vinculados a problemas diversos, ambos consideram a recusa da hipótese da constância como um ponto crucial na perspectiva gestaltista.

Explicar o percebido por meio do conceito de sensação marca uma relação de aderência da experiência psicológica ao estímulo físico. A recusa de tal conceito – consequência da recusa mais ampla da hipótese da constância – implica uma afirmação da autenticidade do que é percebido e do sentido que ele revela. Assim, enquanto o problema da representação – como abertura do conhecimento ao mundo – na psicologia clássica explicita a presença real do estímulo físico, no gestaltismo, a representação inaugura o campo percebido como um domínio inédito e legítimo de conhecimento. Gurwitsch (1979) e Merleau-Ponty (1989) ressaltam que a relevância filosófica da teoria da forma reside precisamente na rejeição da hipótese da constância. Tratar a percepção como um texto originário que traz em si o seu sentido é o aspecto positivo de tal recusa e, mais do que isto, o que permite ler o gestaltismo como psicologia que se ocupa daquilo que é percebido, tal e como é percebido.

Merleau-Ponty (1975, 1989) considera que a noção de forma na psicologia da *gestalt* caracteriza uma inovação no espaço psicológico. Isso porque a forma, definida como uma organização direta da experiência e que engendra uma dimensão de sentido, distancia-se de qualquer perspectiva científica pautada na separação entre a ciência e a experiência. Para o filósofo, a novidade do gestaltismo está justamente na articulação proposta entre a ciência e a experiência.

Não é por acaso que Merleau-Ponty se lança ao estudo da teoria da forma. A união entre razão e sensibilidade, implicada na própria definição de forma, situa o gestaltismo num espaço comum à fenomenologia. A tarefa da fenomenologia, assim como a do gestaltismo, é situar-se entre uma concepção de conhecimento pautada na noção de inferência, isto é, um conhecimento que parte de um dado sensorial para formar uma representação do mundo; e uma outra concepção, que define o conhecer como um processo absolutamente dedutivo. Contra a perspectiva que aposta na inferência,

como é o caso do positivismo, a *Gestalttheorie* e a fenomenologia afirmam uma racionalidade própria ao fato psicológico – a forma é diretamente organizada, isto é, ao conhecermos o mundo, nos deparamos imediatamente com um dado organizado, significativo e, de certa maneira, racional. Porém, a afirmação de tal racionalidade não implica um dedutivismo, pois a organização da forma, longe de ser dada de antemão, é intrínseca ao fato mesmo.<sup>1</sup>

A psicologia da forma, ao lado da linguística de Saussure e da antropologia de Lévi-Strauss, propõe uma nova reflexão acerca das ciências do homem (ver Merleau-Ponty, 1966, especialmente o capítulo “Le metaphysique dans l’homme”). A noção de forma ou estrutura revela uma dimensão de ser e um tipo de conhecimento que o homem esquece em sua atitude cientificista – ou positivista. O conhecimento do homem pelo homem caracteriza-se por ser uma retomada por cada um de uma estrutura de sentido. A experiência perceptiva, antes de ser capturada por qualquer esquematismo cientificista, é originária, à medida que é reveladora deste sentido imanente ao fenômeno psíquico. Por essa via, o gestaltismo aproxima-se da proposta fenomenológica de Merleau-Ponty, ao delinear uma abordagem da estrutura de sentido que a filosofia explicita. Ciência e filosofia, longe de serem rivais, são, pois, vizinhas.<sup>2</sup>

A psicologia clássica, vítima do preconceito da hipótese da constância, torna inteligível a experiência imediata de conhecimento. À medida que o sentido da representação repousa no sem-sentido das sensações que a compõem, pode-se afirmar que perceber um objeto,

<sup>1</sup> O interesse de Merleau-Ponty pelo gestaltismo é por ele delimitado: “a *Gestalttheorie* seria o meio, buscado por nós, de reconhecer [...] nos fenômenos da consciência a significação interna que os permite conter um conhecimento e uma verdade” (1973, p. 55). O gestaltismo, do mesmo modo que a fenomenologia, seria uma tematização do sentido da experiência.

<sup>2</sup> “Uma ciência sem filosofia não saberia, ao pé da letra, do que ela é ciência” (Merleau-Ponty, 1966, p. 171).

um gesto, um comportamento, implica um transbordamento do que é simplesmente dado na sensibilidade. Tal transbordamento faz-se, seja pela experiência passada, seja pela função de um processo mental superior.<sup>3</sup> O sentido do mundo percebido é mais produzido reflexivamente do que experienciado diretamente.

No entanto, na perspectiva do leigo, o mundo percebido é diretamente inteligível. As relações percebidas não são arbitrárias; elas são coerentes intrinsecamente. Perceber o mundo não é pensá-lo, é vivê-lo em sua organização direta.<sup>4</sup> A teoria da *gestalt*, propondo uma nova reflexão acerca do fenômeno psicológico, faz-nos ver no homem não um entendimento que constrói o mundo, mas um ser que está a ele vinculado por um laço natural vivenciado.

É possível traçar um paralelo entre a autenticidade da experiência perceptiva e aquela do espaço ficcional tal como produzido, por exemplo, na experiência do cinema. A história narrada num filme não possui seu sentido somente pela alusão a acontecimentos e fatos reais. O sentido do filme é incorporado ao seu próprio ritmo, da mesma maneira que o sentido de um gesto é legível nele mesmo. O espaço ficcional engendra uma dimensão de sentido que lhe é própria. O que está em jogo neste caso não é a referência à realidade da mesma, mas sim a produção de um espaço de sentido inédito. Assim, o filme é mais percebido do que pensado. Dito de outro modo, quando estamos no cinema, vivemos o sentido que o filme revela, nele mesmo, com sua narrativa, sua trama. O que nos envolve é mais o sentido que o filme revela do que a sua correspondência

<sup>3</sup> Tanto em um caso como no outro, “o sujeito está diante do mundo como um cientista diante da experiência” (Merleau-Ponty, 1989, p. 32).

<sup>4</sup> “A filosofia contemporânea não consiste em encadear conceitos, mas em descrever a mistura da consciência com o mundo, seu engajamento em um corpo, sua coexistência com os outros, e mostrar que este sujeito aí é cinematográfico por excelência” (Merleau-Ponty, 1966, p. 105).

objetiva com o mundo físico, objetivo. Ao assistirmos a um filme clássico de James Bond, torcemos pelo personagem e vivemos com ele as emoções que experimenta. Isso é o que importa, mais do que avaliarmos objetivamente a veracidade das estripulias de James Bond; isto é, não assistimos ao filme para medir se a cada salto ou queda, a cada mergulho no fundo do mar, uma pessoa “real” já teria morrido.

Num outro exemplo, lembramos da estranheza que sentimos ao assistir a um filme dublado no qual há uma discordância entre a estrutura da voz e a estrutura visual. No filme não dublado há uma relação de coesão interna entre todas as partes, e é esta coesão interna que garante o sentido próprio do espaço ficcional. A estranheza de uma dublagem é mais perceptiva do que refletida: é o sentido vivenciado do espaço ficcional que é quebrado. Do mesmo modo, o campo percebido revela um sentido inédito e coerente. Este campo é formado por relações inteligíveis, compreensíveis (ver Kohler, 1980, capítulo 10). A noção de *insight* ou discernimento proposta pelo gestaltismo expressa esta inteligibilidade imanente do mundo. O campo percebido revela diretamente o seu sentido e é apenas enquanto tal que ele deve ser tomado como o ponto de partida inequívoco da ciência psicológica.

Segundo Merleau-Ponty (1966), a psicologia da forma e a filosofia fenomenológica têm em comum o fato de nos apresentarem, diferente da filosofia clássica, a consciência e o mundo, a razão e a sensibilidade intrinsecamente conectados.<sup>5</sup> Pode-se afirmar que a descrição do fenômeno psicológico – ou, o que dá no mesmo, o aspecto positivo da recusa da hipótese da constância – é a dobradiça entre gestaltismo e fenomenologia, ou seja, é tal descrição que nos

<sup>5</sup> A filosofia contemporânea não consiste em encadear conceitos, mas em descrever a mistura da consciência com o mundo, seu engajamento em um corpo, sua coexistência com os outros, e mostrar que este sujeito aí é cinematográfico por excelência” (Merleau-Ponty, 1966, p. 105).

permite entender o que há de comum entre o gestaltismo e a fenomenologia. Tanto Gurwitsch quanto Merleau-Ponty partem deste eixo para produzir suas leituras fenomenológicas da teoria da forma. Num e noutro caso, trata-se de descrever a razão interna ao fenômeno psicológico.

No entanto, há que se discutir esta aproximação. É certo que a descrição das vivências é um ponto de encontro entre gestaltismo, fenomenologia e senso comum. Mas cumpre perguntar pela especificidade destas perspectivas acerca do vivido. Descrever pura e simplesmente a experiência não desemboca nem numa perspectiva científica – como pretende ser a *Gestalttheorie* –, nem numa perspectiva filosófica – como pretende ser a fenomenologia. Apenas o senso comum se limita à descrição, pois que “a ingenuidade é exatamente a convivência com o não justificado” (Moura, 1989, p. 48). Resta saber como a psicologia e a fenomenologia legitimam essas descrições. Só assim será possível traçar, além das dobradiças, os limites entre ambas.

### *O isomorfismo psicofisiológico e a naturalização da noção de forma*

Aron Gurwitsch (1966, 1979) marca em seus textos uma ressalva nas aproximações entre gestaltismo e fenomenologia. Essa aproximação faz-se apenas à medida que se opera um corte entre a orientação descritiva e a orientação explicativa da teoria da forma. Apenas as descrições gestaltistas do percebido se situam num terreno fenomenológico.<sup>6</sup>

A pura descrição fenomenológica das vivências é um passo metodológico necessário, mas não suficiente para a legitimação

<sup>6</sup> Ainda que seja perfeitamente legítima, a fase explicativa da psicologia não tem interesse para a fenomenologia” (Gurwitsch, 1979, p. 203).

<sup>7</sup> Segundo Koffka, “a psicologia é um modo científico de conhecer, isto é, um método que traduz seu conhecimento em proposições formuladas em conceitos” (1941, p. 17; minha tradução).

\* ANOM x  
φ

de uma psicologia científica.<sup>7</sup> Nesse sentido, é essencial que os fatos fenomenológicos – isto é, a experiência tal como é percebida e descrita pelos sujeitos – sejam legitimados cientificamente ou explicados.

A explicação dos fenômenos, longe de ser descartável, é o que demarca a especificidade da psicologia da *gestalt*. Diferentemente do senso comum, que convive com as descrições não justificadas, a psicologia da *gestalt* legitima o domínio percebido, formulando conceitos explicativos. E, diferentemente da fenomenologia, que fundamenta filosoficamente as vivências, a psicologia lança mão de hipóteses acerca do funcionamento do sistema nervoso. Ao psicólogo cabe explicar o vivido no marco das ciências naturais ou, nas palavras do próprio Kohler, “comparar os fenômenos psicológicos com os fatos da ciência natural” (1978b, p. 131) – eis a tarefa da psicologia. Já ao fenomenólogo cabe fundamentar o vivido, sem fazer qualquer afirmação a respeito da natureza, porque tal fundamentação é realizada por meio da redução fenomenológica, isto é, da suspensão de qualquer juízo acerca da existência do mundo.

O ponto de vista gestaltista sobre o vivido baseia-se em duas questões cruciais. A primeira diz respeito às conexões significativas entre parte e todo, conexões estabelecidas não pela mera coexistência de elementos contíguos, mas sim na essência dos todos envolvidos. A segunda questão refere-se à necessidade de se adotar um ponto de vista psicofísico capaz de explicar o porquê de tais laços de sentido entre todos e partes. Furtar-se de adotar a perspectiva psicofísica implica um desconhecimento da especificidade do saber psicológico frente a qualquer outro saber a respeito das vivências.

Assim, o isomorfismo psicofísico é uma hipótese segundo a qual os processos psicofísicos são estruturais, dinâmicos, de tal modo que há uma homogeneidade de estruturas entre o fenômeno psicológico e o acontecimento fisiológico. O funcionamento do sistema nervoso opera segundo uma dinâmica isomórfica àquela descrita no domínio das vivências. O isomorfismo psicofísico é um princípio estrutural:

há uma identidade de estruturas entre o percepto e o evento cerebral. Não está em jogo, neste caso, uma “imagem cerebral” que copie o dado percebido. A fisiologia nervosa supõe correntes elétricas que, por diferenças de potencial, delimitam domínios heterogêneos correlatos àqueles que se apresentam no plano fenomenal. Assim, à relação entre figura e fundo corresponde uma diferença de potencial no domínio fisiológico. Trata-se, portanto, de uma semelhança mais de estruturas do que de conteúdos.

A concepção de uma fisiologia dinâmica – e não mecânica e associativa, como supunha a psicologia clássica – não é ocasional. A psicologia da *gestalt* parte daquilo que é revelado por meio das descrições das vivências para, então, formular suas hipóteses explicativas. A concepção fisiológica é assim exigida pela descrição das vivências. Visto que, na perspectiva do leigo, sua experiência é imediatamente organizada, seria um contrassenso supor uma fundamentação fisiológica distinta do que se mostra no percebido. Na concepção gestaltista, a ciência caracteriza-se por ser racional, isto é, por delimitar fatos racionalmente conectados. Assim, a relação entre fisiologia e psicologia não pode ser puramente factual, arbitrária; há entre ambas uma relação racional e coerente.<sup>8</sup>

A proposta epistemológica da psicologia da forma consiste em integrar a psicologia no domínio das ciências naturais, sem que com isso seja necessário abrir mão das noções de significação, valor e ordem explicitadas no plano descritivo. Partindo de uma fenomenologia empírica, a *Gestalttheorie* explica o fenômeno a partir do isomorfismo psicofísico. O funcionamento dinâmico do sistema nervoso central é isomórfico em relação às estruturas percebidas

<sup>8</sup> “E, sendo assim, nossos dois domínios, em vez de estarem separados por um abismo inultrapassável, são conjugados ao máximo, com a consequência de que podemos usar nossas descrições como dados para a elaboração concreta de hipóteses fisiológicas” (Koffka, 1975, p. 68).

e, mais do que isso, constitui o aspecto funcional/explicativo do campo perceptivo. A relação isomórfica entre o psíquico, o fisiológico e o físico marca um monismo de princípios, de tal modo que, no plano das explicações finais, há apenas um universo de discurso sobre o qual se situam as ciências naturais. Isso não quer dizer que não se possam diluir as estruturas reveladas no plano descritivo nas formas físicas e fisiológicas. O sentido vivido concretamente não pode ser descartado em favor de explicações fisiológicas. Trata-se, neste caso, de diferentes níveis de concretização da forma. Em cada nível há uma especificidade de relações que, embora ocorram segundo os mesmos princípios, não podem ser reduzidas umas às outras. A fenomenologia das experiências não é reduzida à fisiologia do sistema nervoso, ainda que tanto em um nível quanto no outro haja uma identidade de princípios dinâmicos.

### *Breves considerações sobre os destinos do gestaltismo*

É certo que as mais relevantes consequências do gestaltismo para a psicologia se fizeram notar por suas contribuições descritivas mais do que explicativas. Muitas foram as frentes de pesquisa abertas sob a influência da noção de forma e da afirmação da importância da totalidade sobre as partes.

Kurt Lewin (1973, 1965) é, neste contexto, uma referência importante. Para ele, o comportamento humano é função tanto das características da pessoa quanto daquelas do meio no qual a pessoa está inserida. Isto indica que nós não agimos apenas de acordo com nossos impulsos, mas de acordo também com o meio no qual estamos inseridos. O programa de pesquisas inaugurado por Lewin teve consequências para o desenvolvimento da dinâmica de grupo e para as pesquisas na área de motivação social. Um dos méritos do trabalho de Lewin foi o de ter deslocado as pesquisas em psicologia do espaço restrito dos laboratórios para o contexto social. Centrado na tese gestaltista que afirmava a importância do todo sobre as partes, os

trabalhos de Lewin produziram grande impacto na psicologia social americana. No entanto, vale destacar que, diferentemente da proposta de Lewin (1965) de afirmar a importância de uma psicologia vinculada ao contexto social, a americana desenvolveu-se em boa parte como psicologia social a-histórica e individualista. No Brasil, a psicologia social foi bastante marcada por esta influência americana até os anos 1960-1970. A partir dessa época, a psicologia social brasileira é marcada por debates e discussões que, em maior ou menor medida, retomam ideias de Lewin, particularmente no que diz respeito à inserção da psicologia nos contextos social e político e na proposição de uma psicologia histórica.

A noção de estrutura tal como afirmada pelos integrantes da Escola de Berlim produziu efeitos também no campo da psicopatologia. Nesse domínio, os estudos de Gelb e Goldstein (1987)<sup>9</sup> sobre a afasia sublinham a importância de se considerar todo o comportamento dos doentes, e não apenas o verbal, para compreender as alterações comportamentais de um paciente afásico. A noção de estrutura se faz notar quando Gelb e Goldstein afirmam que os afásicos não são homens nos quais há uma alteração da linguagem; eles são homens inteiramente modificados, inclusive em sua linguagem.

A teoria da forma serviu de referência para alguns autores que, como Rudolf Arnheim (1984), se propuseram fazer uma análise das relações entre arte e percepção visual. Arnheim utiliza-se das noções de forma e dos princípios de organização da forma para compreender a percepção visual no campo das artes plásticas. No Brasil, esta

<sup>9</sup> Kurt Goldstein (1878-1965), psiquiatra alemão, lecionou nas universidades de Frankfurt, Berlim, Harvard e Columbia e atuou como médico psiquiatra em hospitais da Europa e dos Estados Unidos. Adhemar Gelb (1887-1936) trabalhou no Instituto de Psicologia da Universidade de Berlim no período de 1909 a 1912. Em 1929, foi diretor do Instituto de Psicologia de Frankfurt, e em 1933 emigrou para a Holanda.

## *O funcionalismo: a psicologia nos trilhos da adaptação*



linha de pesquisa foi seguida por Fayga Ostrower (1998), artista de renome internacional que há muitos anos tem se dedicado ao ensino da arte. Em seus trabalhos, Ostrower lança mão do gestaltismo para analisar o modo como percebemos o mundo e, em particular, o modo como as obras de arte podem ser compreendidas pelos princípios de organização da forma. O caráter interdisciplinar das pesquisas de Ostrower indica a possibilidade de uma investigação da percepção na interface entre arte e ciência.

O gestaltismo influenciou também as pesquisas de importantes professores brasileiros. No Rio de Janeiro, Nilton Campos e Antônio Gomes Penna difundiram as ideias gestaltistas, tanto por meio do ensino da psicologia quanto da publicação de inúmeros trabalhos sobre este tema. Já em São Paulo, o gestaltismo foi difundido pelo trabalho de Arno Engelman.

### *Bibliografia comentada*

ARNHEIM, R. *Arte e percepção visual* – uma psicologia da visão criadora. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1984.

O livro de Arnheim é um clássico nos estudos das relações entre arte e gestaltismo. Nesse texto, o leitor conhecerá com detalhes os princípios da organização das formas e suas relações com obras artísticas relevantes.

OSTROWER, F. *A sensibilidade do intelecto*. Visões paralelas de espaço e tempo na arte e na ciência. A beleza essencial. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

Analisando noções como simetria, beleza, entre outras, Ostrower apresenta uma interessante compreensão dos princípios gestaltistas aplicados à arte, em particular às artes visuais.

O termo psicologia funcionalista foi usado pela primeira vez pelo psicólogo inglês Edward B. Titchener (ver capítulo 2), que tentou distinguir entre uma abordagem estrutural e outra funcional da psicologia em um texto de 1898, *Structural and functional psychology to philosophy*. A psicologia, especialmente como se produzia na Alemanha do final do século XIX (centro mundial da produção acadêmica e institucional desse saber nesse período), teria caráter estruturalista, sendo completamente estranha ao quadro atual do nosso saber. Tratava-se de uma psicologia que:

a) se devotava à pesquisa pura, em contraste com o quadro recente que enfatiza o aspecto prático de intervenção nos mais diversos campos;

b) tomava como objeto de estudo a nossa experiência comum consciente, o qual era suficientemente problematizado por correntes relevantes como a psicanálise e o behaviorismo;

c) devotava-se a este objeto por meio da suspeita de ilusão de nossa experiência comum, problema herdado da física e da filosofia do século XVII, sem buscar, naquele momento, nem o ajustamento dos indivíduos, nem a compreensão de certas psicopatologias;